



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS

CLEONICE MARIA FERREIRA DE CARVALHO

**A CANETA QUE BALANÇA O BERÇO: O ENTRECHO E A CONSTRUÇÃO
DE MÃES NA FORMAÇÃO DOCENTE**

MACEIÓ-AL

2024

CLEONICE MARIA FERREIRA DE CARVALHO

A CANETA QUE BALANÇA O BERÇO: O ENTRECHO E A CONSTRUÇÃO DE
MÃES NA FORMAÇÃO DOCENTE

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto Federal de
Alagoas, *Campus Maceió*, como requisito
parcial para obtenção do título de
licenciada no curso de Letras- Português.

Orientadora: Profa. Dra. Willianice
Soares Maia

MACEIÓ-AL

2024



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

370.71

C331c Carvalho, Cleonice Maria Ferreira de.

A caneta que balança o berço [recurso eletrônico] : o entrecho e a construção de mães na formação docente / Cleonice Maria Ferreira de Carvalho. – Dados eletrônicos (1 pdf : 391 KB). – 2024.

Trabalho com 44 f.

Inclui referências.

Orientação: Profa. Dra. Willianice Soares Maia.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Português) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*, Maceió, 2024.

1. Letras – Português. 2. Formação docente. 3. Mães estudantes. 4. Conciliação acadêmica. 5. Formação docente feminina – Apoio institucional. I. Título.

Franciane Monick Gomes de França
Bibliotecária – CRB 4/1831


CLEONICE MARIA FERREIRA DE CARVALHO

**A CANETA QUE BALANÇA O BERÇO: O ENTRECHO E A CONSTRUÇÃO
DE MÃES NA FORMAÇÃO DOCENTE**


Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada no curso de Letras- Português.

Aprovado em: 09/08/2024


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 WILLIANICE SOARES MAIA
Data: 04/09/2024 15:07:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.a. Dra. Willianice Soares Maia (Orientadora)
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

Documento assinado digitalmente
 CLAUDIONOR FERREIRA ARAUJO
Data: 28/08/2024 17:44:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Claudionor Ferreira Araujo (Examinador)
Instituto Federal de Alagoas – IFAL

Documento assinado digitalmente
 WILLIAN CASSIANO DA SILVA
Data: 03/09/2024 20:13:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. Willian Cassiano da Silva (Examinador)
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

À todas as mulheres que, com bravura e
persistência, superam obstáculos e
transformam o mundo com suas ações e
sonhos.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é uma parte essencial de quem eu sou. Cada pessoa que cruzou meu caminho contribuiu de alguma forma para o meu crescimento pessoal, e por isso sou eternamente grata. A jornada de conciliar a universidade e a maternidade não foi fácil, pois exigiu muitas renúncias. Nesse sentido, este momento de conquista não é apenas meu, mas de todos(as) que me apoiaram, incentivaram, se alegraram e sofreram comigo nos momentos de aflição.

À minha mãe, Severina, meu maior exemplo de força, amor e dedicação. Sem ela, eu não seria a mulher, esposa e mãe que sou hoje. Ao meu pai, Augusto, embora não esteja fisicamente presente, viverá eternamente em meu coração. Ao meu esposo, Roque, minha eterna gratidão, amor e respeito; sem seu incentivo e apoio, eu nunca teria conseguido remar em águas tão turbulentas por tantos anos.

À minha filha, Kemyly, e ao meu filho, Wesllen, peço desculpas pela ausência, por não poder acompanhar mais de perto seus momentos de medos, alegrias e conquistas. Vocês foram e continuam sendo minha força diária. Às minhas irmãs, Sandra e Cícera, minhas amigas e companheiras de toda a vida, sempre preocupadas com a pesquisa e a minha saúde, muito obrigada. À minha melhor amiga, Ariane, sou imensamente grata por tê-la encontrado em um mundo que muitas vezes se mostra carente de afeto e humanidade. Sua presença trouxe calor e genuinidade aos momentos que compartilhamos. Agradeço profundamente por sua colaboração intelectual e por todos os momentos de troca e diálogo, que foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo. Isso significa que minha escrita nunca foi solitária; por trás, existiram pessoas, como Ariane, que me acompanharam e fizeram parte dessa escrita de alguma forma.

À minha orientadora, Willianice, cuja orientação, paciência e conhecimento foram cruciais para a realização deste trabalho. Obrigada por tanto carinho e humanidade, e por me encorajar a escrever sobre minha trajetória, como mãe e estudante do curso de Letras. À banca examinadora, agradeço pela disponibilidade e pelas valiosas contribuições que enriqueceram ainda mais este estudo.

À Leide, minha primeira companheira de curso e agora mãe de um lindo menino. Ao Joel, uma pessoa maravilhosa, com conhecimentos incríveis. À Valdilene, uma mulher por quem tenho muita admiração. À Kezia e à Cristiane, meu respeito, carinho e admiração. Ao Rafael, amigo e companheiro no momento em que mais precisei. Aos(Às) professores(as) que fizeram parte da minha formação, meu profundo reconhecimento e gratidão.

“Se queremos dar a todo gênero feminino
- e não apenas a poucas pessoas
específicas - lugar nas estruturas de
poder, precisamos pensar com mais
afinco como e por que pensamos como
pensamos”

Mary Beard

RESUMO

A presente pesquisa versa sobre a minha experiência como mulher, mãe e estudante na formação docente. O objetivo é analisar como as experiências e as identidades das mães são desenvolvidas e compreendidas no âmbito acadêmico. Para tanto, definiram-se os seguintes objetivos específicos: apresentar a evolução do papel da mãe na sociedade ao longo do tempo; investigar como a construção social de gênero influencia as percepções e expectativas sociais em relação aos papéis de homens e mulheres na sociedade e, entender como a realidade e identidade das mães são formadas e moldadas durante o processo de formação. O embasamento teórico desta pesquisa fundamenta-se em autores como Freire (1997), que aborda a visão da professora como tia; Bourdieu (2012), que trata da dominação; Prado e Soligo (2005) e Passeggi (2008), que discutem memórias de formação; e Badinter (1985), que explora o mito do amor materno, além de outros/as autores/as que contribuem significativamente para a discussão. O estudo consiste em pesquisa de caráter descritivo, com resultados tratados de maneira qualitativa, a partir da coleta de informações de fontes secundárias, incluindo revisão bibliográfica. Como fontes de pesquisa, a fim de colher o referencial teórico, foram utilizados livros, artigos e sites que estão relacionados ao tema. Com o levantamento de informações ao longo da pesquisa e da análise dessas informações, foi possível concluir que, embora as mães estudantes demonstrem grande resiliência e determinação, a falta de apoio institucional adequado dificulta significativamente sua jornada acadêmica. A pesquisa ressalta a importância de políticas mais inclusivas e de suporte específico para essas mulheres, de modo a promover uma maior equidade no ambiente educacional.

Palavras-chave: mães estudantes; conciliação acadêmica; apoio institucional.

ABSTRACT

This research is about my experience as a woman, mother and student in teacher training. The objective is to analyze how mothers' experiences and identities are developed and understood in the academic context. To this end, the following specific objectives were defined: to present the evolution of the mother's role in society over time; investigate how the social construction of gender influences social perceptions and expectations regarding the roles of men and women in society and understand how mothers' reality and identity are formed and shaped during the training process. The theoretical basis of this research is based on authors such as Freire (1997), who addresses the view of the teacher as an aunt; Bourdieu (2012), which deals with domination; Prado and Soligo (2005) and Passeggi (2008), which discuss formative memories; and Badinter (1985), which explores the myth of maternal love, as well as other authors who contribute significantly to the discussion. The study consists of descriptive research, with results treated in a qualitative manner, based on the collection of information from secondary sources, including a bibliographic review. As research sources, in order to collect the theoretical framework, books, articles and websites related to the topic were used. By collecting information throughout the research and analyzing this information, it was possible to conclude that, although student mothers demonstrate great resilience and determination, the lack of adequate institutional support significantly hinders their academic journey. The research highlights the importance of more inclusive policies and specific support for these women, in order to promote greater equity in the educational environment.

Keywords: mothers students; academic conciliation; institutional support.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O BERÇO DAS ORIGENS: (RE) VIVENDO AS MEMÓRIAS.....	14
3	O PAPEL DA MÃE NA SOCIEDADE: CONCEITOS E CONTEXTOS.....	21
3.1	A PRIMEIRA EDUCAÇÃO: O PAPEL DA MÃE NO DESENVOLVIMENTO INICIAL DA CRIANÇA	21
3.2	ALÉM DO PAPEL MATERNO: SUPERANDO A VISÃO RESTRITA DA MATERNIDADE COMO ÚNICA IDENTIDADE DA MULHER.....	22
4	CONSTRUÇÃO SOCIAL DE GÊNERO: AS PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS SOCIAIS EM RELAÇÃO AOS PAPÉIS DE HOMENS E MULHERES NA SOCIEDADE	25
4.1	ESTEREÓTIPO DA MÃE COMO PRINCIPAL CUIDADORA	28
4.2	ESTEREÓTIPO DO CUIDADO AFETIVO: A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO	30
5	ENTRE A CANETA E O BERÇO: EQUILIBRANDO OS PAPÉIS	35
5.1	MÃE E ESTUDANTE: UMA EXPERIÊNCIA DE CONVERGÊNCIA ENTRE PAPÉIS SOCIAIS OU UM EMBATE ENTRE EXPECTATIVAS E REALIDADES?	35
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho tem como foco principal apresentar a minha experiência como mulher, mãe e estudante na formação docente, destacando como a figura da mulher-mãe é construída e percebida nesse contexto. Ao relatar minha experiência e analisar as percepções sobre a figura materna na formação docente, este trabalho busca contribuir para um entendimento dessas interações, reconhecendo a necessidade de adaptações e reinterpretções no campo educacional e social.

É nesse contexto que o saber humano se revela impermanente, refletindo a natureza mutável e transitória do conhecimento. Ou seja, o conhecimento não é fixo ou absoluto; ele está sempre sujeito a revisões, atualizações e mudanças. Sociedades e culturas estão em constante evolução, influenciando e sendo influenciadas pelas formas de conhecimento. O que é considerado verdade em um contexto histórico pode ser questionado ou reinterpretado em outro. É com essa perspectiva que esta pesquisa se posiciona.

É com esse entendimento que compartilho minha experiência como mãe e estudante no curso de Letras, destacando os desafios, aprendizagens e transformações vividas ao longo desse percurso. Essa jornada, assim como o conhecimento, é moldada por diversas interações sociais, contextos históricos e culturais, além das vivências pessoais que enriqueceram/enriquecem minha trajetória.

Neste relato, busco não apenas narrar os acontecimentos, mas também refletir sobre os significados e impactos dessa experiência na construção da minha identidade como mulher, mãe e futura professora. Assim, discutir sobre as mães no contexto acadêmico, sobretudo na formação docente, justifica-se pela necessidade de compreender os desafios enfrentados nesse espaço de atuação, especialmente após testemunhar a desistência de uma jovem do curso de Letras no primeiro período, devido à gravidez.

Essa situação evidencia não apenas a relevância social e cultural da temática, mas também gera inquietações adicionais, pois, também, como mulher, estudante e mãe, sou corpo e parte desse processo formativo, assim como aquela jovem mãe que desistiu tão precocemente. Dessa forma, é possível notar que este estudo sobre a experiência de mães em processo de formação docente pode impactar diretamente a equidade de gênero no campo educacional, e as políticas institucionais de suporte a estudantes mães, por meio da desconstrução dos estereótipos de gênero que limitam as oportunidades de desenvolvimento profissional e liderança para as mulheres.

Portanto, ao abordar essa questão, buscamos não só compreender e refletir sobre os desafios enfrentados pelas mães em formação, mas também contribuir para transformações que promovam um ambiente acadêmico mais inclusivo e justo para todas as mulheres que desejam realizar seus sonhos profissionais enquanto exercem a maternidade.

Sendo assim, esta pesquisa busca responder a seguinte questão: quais são os diferentes aspectos da construção identitária das mães e como eles influenciam e moldam sua experiência e trajetória na formação docente? Com base nisso, o objetivo geral é analisar como as experiências e as identidades das mães são desenvolvidas e compreendidas durante a formação docente.

Para alcançar esse objetivo, foram delineados três objetivos específicos: a) apresentar a evolução do papel da mãe na sociedade ao longo do tempo; b) investigar como a construção social de gênero influencia as percepções e expectativas sociais em relação aos papéis de homens e mulheres na sociedade e, por fim, c) entender como a realidade e identidade das mães são formadas e moldadas durante o processo de formação.

O presente estudo consiste em pesquisa de caráter descritivo, que visa analisar como as experiências e as identidades das mães são desenvolvidas e compreendidas durante a formação docente. Nesse sentido, os resultados serão apresentados de forma qualitativa, a partir da coleta de informações de fontes secundárias, incluindo revisão bibliográfica. Como fontes de pesquisa, a fim de colher o referencial teórico, serão utilizados livros, artigos e sites que estão relacionados ao tema.

Para o desenvolvimento desta análise, esta monografia encontra-se organizada em quatro seções. A primeira, intitulada "O berço das origens: (re)vivendo as memórias", apresento minha trajetória pessoal: quem eu sou enquanto mulher, mãe e estudante em formação, bem como a minha educação na infância e a importância da minha mãe e da minha primeira professora na minha vida, até chegar ao Instituto Federal de Alagoas- IFAL.

A segunda seção, "O papel da mãe na sociedade: conceitos e contextos", oferece uma breve investigação sobre a figura materna na sociedade, incluindo seu papel no espaço educacional. Essa análise é fundamental para compreender como essas mulheres são visualizadas nesses dois espaços de atuação.

A terceira seção, "Construção social de gênero: as percepções e expectativas sociais em relação aos papéis de homens e mulheres na sociedade" aborda como as normas culturais e sociais influenciam as percepções e expectativas associadas aos papéis de gênero, especialmente no contexto das mulheres que também são mães.

Na quarta seção, "Entre a caneta e o berço: equilibrando os papéis", discutimos os desafios enfrentados pelas mães estudantes durante a formação docente, com foco nos impactos emocionais e psicológicos. Além de evidenciar as dificuldades e as conquistas durante esse período, destacando as tensões entre as responsabilidades acadêmicas e a maternidade. E, por fim, são apresentadas algumas considerações que evidenciam o alcance dos objetivos da pesquisa e suas principais descobertas.

2 O BERÇO DAS ORIGENS: (RE) VIVENDO AS MEMÓRIAS

Nesta seção, apresento a minha infância e os momentos cruciais que contribuíram significativamente para a minha formação pessoal e docente. Em vista disso, ao recordar essas vivências, reconheço a importância do outro na construção da minha história. A infância é um período formativo essencial, onde experiências e influências moldam a base de quem nos tornamos. Recordar esses momentos não é apenas uma atividade nostálgica; é um processo de reflexão profunda sobre como esses eventos nos impactam. Portanto, é por meio dessas recordações, registros e experiências relacionadas, também, à formação docente e à maternidade que construo narrativas, ligadas a estudos teóricos e, assim compreendo melhor a minha atuação e a minha relação com o mundo.

Segundo Prado e Soligo (2005, p. 6):

Ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam. Vamos nos inscrevendo numa história que não está mais distante e, sim, impregnada das memórias que nos tomam e da qual muitos outros fazem parte.

Nessa perspectiva, ao recordar do passado, não estamos apenas revivendo eventos e experiências; estamos, também, refletindo sobre o significado e o impacto desses momentos em nossas vidas. Essa reflexão nos ajuda a entender melhor quem somos e como chegamos ao ponto em que estamos. Além disso, ela nos permite compreender a história daqueles que nos rodeiam, reconhecendo a interconexão das nossas experiências com as deles.

Diante disso, ao retomar e analisar minha trajetória, percebo que cada lembrança e reflexão contribuem para um entendimento mais profundo de minha identidade. Essas experiências, me levam à compreensão que dentro de mim reside uma narrativa profundamente entrelaçada com a essência da criança, estudante e mulher que agora é mãe, capaz de transformar os desafios vivenciados em superação. Cada dificuldade é um fio condutor, tecendo a trama de minha existência e transformando-a em uma tapeçaria visível aos olhos do mundo.

Assim, cada marca, cicatriz, experiências e alegrias revela não apenas a história que carrego como mãe, mas também a coragem de enfrentar as adversidades para torná-la conhecida e compreendida, agora imbuída de uma nova experiência que transcende os limites da maternidade: a formação docente.

Escrever sobre si não é fácil, exige uma profunda reflexão e honestidade. Passeggi (2008) oferece uma rica compreensão do processo de auto-bio-grafar. A autora utiliza o verbo "aparar" em múltiplas acepções para descrever a complexidade de escrever sobre si mesmo. Para ela, aparar significa segurar, como manter o controle sobre nossas experiências e narrativas. Também quer dizer aperfeiçoar, refinar e melhorar a compreensão de nós mesmos por meio da escrita. Além disso, aparar envolve resistir ao sofrimento, indicando que escrever nossa própria história pode ser um meio de enfrentar e superar adversidades. A autora usa como exemplo o Nordeste enfatizando que "amparar é ajudar a nascer." Este sentido metafórico reflete a ideia de que ao escrevermos sobre nós mesmos, estamos facilitando um processo de renascimento, emergindo, renovados e transformados pela reflexão e pela narrativa.

Portanto, "auto-bio-grafar-se" é entendido como cuidar de si mesmo e renascer de outra maneira por meio da mediação da escrita. Esse processo de auto-reflexão e auto-narrativa permite que nos transformemos, compreendendo melhor nossas experiências e identidades e assim renascendo com uma nova perspectiva. Dessa forma, a escrita autobiográfica torna-se um ato de cuidado pessoal e de renovação, essencial para o desenvolvimento pessoal e profissional.

É por meio dessa perspectiva que inicio a minha história. Uma trajetória marcada por experiências que moldaram profundamente quem sou hoje. Desde a infância, a educação sempre desempenhou um papel fundamental em minha vida. Cresci em um ambiente onde as condições básicas eram escassas, mas o valor do aprendizado era constantemente reforçado por meus pais. Por meio de histórias e exemplos, eles incutiram em mim a curiosidade e a paixão pelo conhecimento, transformando cada obstáculo em uma oportunidade de aprendizado.

A minha educação foi totalmente marcada pela experiência na rede pública. Na Escola Municipal Ester Lopes Barbosa, eu não apenas aprendi, mas encontrei um segundo lar, um refúgio onde eu ansiava estar e onde dei meus primeiros passos em direção à alfabetização. Morava em um pequeno povoado, fazenda Camurim, no município de São Luís do Quitunde, onde cerca de trinta casas compunham a comunidade. A agricultura, especialmente a cana-de-açúcar, era a principal atividade.

Naquela escola, eu, uma criança de sete anos, muitas vezes ignorada e com um futuro predefinido, assim como as outras crianças do local, encontrei reconhecimento nos olhos de uma professora que viria a ser uma presença constante em minha vida, nos anos iniciais do ensino fundamental. Foi por meio dela que descobri minha verdadeira paixão pela educação e comecei a sonhar em seguir seus passos. Ela não apenas me ensinou a ler e escrever, mas também me mostrou o poder transformador da educação e o impacto que um/a professor/a pode ter na vida de um/a estudante.

Em um ambiente em que muitos/as eram forçados/as a desistir, eu fui estimulada a lutar. Meu mundo parecia limitado, sem perspectivas claras, mas as lágrimas, a força, a coragem e incentivo de minha mãe, uma mulher que trabalhava na cana-de-açúcar, silenciada e isenta de seus direitos, naquele contexto histórico, me fez entender que havia mais além das circunstâncias. Foram essas duas mulheres que me mostraram que eu não precisava ser mais uma estatística, mas sim uma protagonista da minha própria história. Importa dizer que somos e fazemos história de acordo com o tempo, e ele nos molda tanto quanto moldamos a história.

A cada nova versão da história, a experiência é ressignificada, razão estimulante para a pesquisa educacional, pois nos conduz a buscar as relações entre viver e narrar, ação e reflexão, narrativa, linguagem, reflexividade autobiográfica e consciência histórica (Passeggi, 2011, p.148).

A evolução das narrativas históricas proporciona uma oportunidade de reavaliar experiências passadas, o que motiva a investigação educacional. Isso nos leva a explorar a conexão entre vivenciar eventos, contá-los, agir, refletir, utilizar a linguagem para narrar, olhar para dentro de nós mesmos e desenvolver uma consciência crítica do contexto histórico.

Meu sonho inicial, naquele contexto, pode ter sido modesto, apenas buscando um pouco de conhecimento em meio à escuridão que cercava meus dias difíceis, mas foi o suficiente para acender uma chama dentro de mim, uma chama de esperança e determinação. O sonho de concluir os estudos teve que esperar um pouco, pois, acima de qualquer outra coisa, eu escolhi ser mãe. Sim, ser mãe foi uma escolha e, no então momento, minha prioridade.

No entanto, eu lutei para que isso não fosse um empecilho, eu sabia das dificuldades, mas precisava lutar e tentar superá-las. No momento em que me vi diante do dilema entre os deveres da maternidade e o anseio por educação, o caminho à minha frente parecia turvo, fechado, mas eu precisava que esse caminho pudesse, ao menos, me dar uma abertura, o mínimo que fosse, em direção ao conhecimento.

Nesse ínterim, quando minha filha e filho fizeram 6 e 4 anos de idade, respectivamente, eu embarquei na jornada desafiadora da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), determinada a concluir o que havia ficado para trás. Era um equilíbrio delicado, levando-os comigo em alguns momentos, mas a perseverança me guiava. E, por mais que eu não soubesse, naquele momento, inconscientemente eu queria algo a mais. Por isso, não parei, continuei em busca do conhecimento, ainda que eu estivesse tomada pelo medo.

A incerteza era minha companheira constante quando decidi encarar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Sem muita confiança, fiz uma tentativa, depois outra, até que, na

terceira, surgiu a tão esperada oportunidade: fui aceita no curso dos meus sonhos no Ifal. Tornar-me professora era mais do que uma profissão, era a realização de uma vida. A jornada acadêmica foi marcada por desafios intensos, mas também por momentos de profundo aprendizado e realização.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID, 2020) foi um desses aprendizados, vivenciado, infelizmente, durante a turbulência e desespero que a pandemia da COVID 19 causou, deixando marcas duradouras em nossa sociedade. Contudo pude vivenciar experiências que jamais imaginaria. Aprender a lidar com as tecnologias digitais foi apenas parte dessas descobertas.

Em seguida, como um rio que encontra o mar, o Programa de Residência Pedagógica - PRP, uma etapa que me levou a mergulhar ainda mais profundo, tornou possível o meu encontro, uma ex-aluna da EJAI, com turmas da mesma modalidade de ensino, a qual me proporcionou a experiência entre ensinar e aprender. Pois é nessa perspectiva que somos envolvidos/as em um processo de construção mútua de conhecimento, pois de acordo com Freire (1996, p. 13) “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” O aprendizado não é unilateral; ao contrário, ele é construído coletivamente, permitindo que tanto o/a educador/a quanto o/a educando/a ampliem seus conhecimentos e compreensões a partir dessa interação recíproca.

Durante esse processo formativo de interação, ministrei aulas para turmas diversas na EJAI, cada rosto refletia jornadas tão singulares quanto a minha. Naquele ambiente, entre jovens e adultos, sobretudo entre pessoas que sentiam, choravam e sorriam de suas próprias vivências, nossos caminhos e conhecimentos se encontram de forma profunda e significativa.

Cada história, sonho e incerteza ecoava com a minha própria jornada, me levando de volta aos dias em que me perguntava: “será que eu consigo?” Talvez essa pergunta fosse constante em suas vidas, assim como foi na minha, ao questionar minha capacidade enquanto enfrentava meus medos. Pois esses medos não desaparecem com o tempo, apenas vão se multiplicando de acordo com os desafios que surgem, testando nossa resistência e coragem.

No entanto, é justamente nessa multiplicação de medos que encontramos a oportunidade de crescer e nos fortalecer. Os obstáculos superados, os momentos de hesitação vencidos, nos transforma e nos prepara para os próximos desafios. A incerteza, por mais assustadora que seja, é também uma prova de que estamos vivos/as, de que estamos nos movendo em direção aos nossos sonhos.

Com isso, ao refletir sobre essas jornadas, percebo que a questão "será que eu consigo?" é menos sobre a possibilidade de sucesso e mais sobre a vontade de tentar. É sobre abraçar a

vulnerabilidade e seguir em frente, mesmo quando o caminho parece incerto. No final das contas, a verdadeira vitória não está apenas em alcançar o objetivo, mas em persistir, em continuar acreditando, ou seja, nunca deixar de lutar por aquilo que acreditamos.

Posso afirmar que o meu percurso durante a formação no curso de Letras- Português não foi fácil. Houve momentos em que pensei em desistir, chorei e até gritei, tentando externar a dor que parecia insuportável. Sentir dor não era suficiente; eu precisava ouvi-la, pois, a sociedade exigiu de mim, por inúmeras vezes, a imagem de uma mãe presente e cuidadosa, como se isso fosse incompatível com minha busca pelo conhecimento.

Badinter (1985), na obra *“Um amor conquistado: o mito do amor materno”*, afirma que a ideia de que "uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe" reforça a norma cultural que coloca a maternidade no centro da identidade feminina. Dessa forma, qualquer desvio dessa norma, como a "mãe indiferente", é visto como uma patologia, um desafio à natureza feminina. Este ponto de vista patologiza as exceções, sugerindo que as mulheres que não se conformam ao ideal de maternidade são anormais.

Essa visão reduz a complexidade da experiência feminina, ignorando que uma mulher pode ser uma mãe amorosa e, ao mesmo tempo, uma profissional dedicada. Hoje, ao escrever o meu TCC, todas essas lembranças voltam com intensidade e me fazem chorar novamente, mas, desta vez, é um choro de alegria. E posso dizer, com um certo alívio, que bom que não desisti, que lutei contra meus medos e consegui, aos poucos, superá-los.

Portanto, cada linha deste trabalho é uma vitória, cada página é um testemunho da minha jornada e determinação, pois carrega minhas lágrimas, minhas noites insones, meus momentos de dúvida e, acima de tudo, minha resiliência. É uma jornada marcada por pequenas/grandes conquistas diárias e pela descoberta de uma força que eu nem sabia possuir. Cada obstáculo superado, desafio enfrentado, me trouxe até aqui.

Agora, ao olhar para trás, vejo que cada momento de sofrimento foi um degrau que me levou à realização deste sonho. Que minha trajetória seja uma inspiração para outras mulheres que enfrentam desafios semelhantes. Que elas encontrem na minha história a motivação para não desistirem, acreditarem em si mesmas e lutarem por seus objetivos.

Dessa forma, levando em consideração os conceitos já apresentados sobre as memórias, podemos reconhecer como elas conferem um senso de continuidade e autenticidade às experiências que moldam nossa história pessoal e compartilhada, sendo assim um elemento essencial na constituição da identidade. A narrativa pessoal, apresentada no texto, ilustra como a identidade é moldada pelas relações com o outro e pelas circunstâncias vivenciadas. A infância e a educação inicial desempenharam um papel fundamental na formação da minha

identidade, destacando a importância do ambiente e das figuras significativas na construção do “eu”.

Os estudos de Lopes (2001, p.195-196) nos ajudam a refletir sobre essa questão ao enfatizar esses dois aspectos fundamentais na formação do “eu”: a relação consigo mesmo e a relação com o outro. Para ele, identidade é “a relação consigo (entre imagens de si atuais e passadas) e uma relação com o outro (que envolve o reconhecimento do mesmo e o reconhecimento da diferença).” Nesse sentido, entende-se que a identidade se desenvolve por meio de um diálogo contínuo entre nosso autoconhecimento e nossas interações sociais, levando em conta tanto nossas próprias mudanças internas quanto nossas relações e percepções externas. Complementando essa ideia de interação entre pares, Gentil (2005, p. 59) salienta que:

[...] as identidades não nascem com os indivíduos, nem são constituídas por eles isoladamente em suas experiências individuais, elas são processos contínuos, históricos e sociais, se constituem nos processos de desenvolvimento humano, portanto em relações e interações entre as pessoas durante toda a sua vida.

Portanto, segundo Gentil (2005), as identidades são dinâmicas e se desenvolvem por meio de interações sociais contínuas. Isso significa que a maneira como nos vemos e como somos vistos pelos outros é moldada pelas nossas relações e experiências ao longo do tempo. Em vez de serem fixas, as identidades são fluidas e evoluem com base nas trocas e influências que experimentamos em nossas vidas. Dessa forma, a identidade de uma pessoa é um reflexo do seu contexto histórico e social, evidenciando a importância das interações humanas no desenvolvimento de quem somos.

Para Dubar (2005, p. 136), "a identidade nada mais é do que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem indivíduos e definem instituições." Nessa perspectiva, com base nas abordagens conceituais sobre a construção da identidade, podemos perceber que os autores apresentam perspectivas complementares que enriquecem o entendimento do processo identitário.

O papel da mãe, portanto, é mais uma construção que se entrelaça nesse processo. A experiência da maternidade acrescenta novas dimensões à identidade, influenciando e sendo influenciada pelas relações e responsabilidades que surgem a partir desse papel. A maternidade pode trazer consigo um sentido ampliado de empatia e compaixão, enquanto também pode apresentar desafios únicos que exigem resiliência e adaptabilidade. Esses aspectos da identidade materna são desenvolvidos por meio das interações diárias com os/as filhos/as, a

família e a sociedade. O cuidado e a educação das crianças exigem uma constante negociação de valores, práticas e expectativas, que por sua vez moldam essas identidades.

Nesse sentido, para dar continuidade à discussão que se apresenta até aqui e iniciar a abordagem do assunto da presente seção, vale ressaltar que diferentes sociedades têm distintas expectativas e normas sobre o que significa ser mãe, e essas normas moldam a maneira como as mulheres experimentam e entendem a maternidade.

segundo Mondo e Souza (2020, p. 2) “as características atribuídas à maternidade vão se modificar de acordo com a região, tempo, contexto e sociedade.” Nessa perspectiva, entende-se que, em algumas culturas, a maternidade pode ser vista como a realização máxima da mulher, enquanto em outras, pode ser considerada apenas um aspecto entre muitos na identidade feminina. Ainda na percepção das autoras:

[...] um dos fatores que têm grande impacto sobre a percepção e idealização do papel materno pela mulher, são os conhecimentos e opiniões que tiveram sua origem no senso comum, principalmente os que são originados da percepção e história de vida dos mais idosos, que são considerados socialmente, como pessoas mais sábias, pelas suas experiências de vida (Mondo; Souza, 2020, p. 3).

Diante do exposto, compreendemos que as experiências e desafios enfrentados pelas mães são altamente contextualizados. As expectativas e pressões sociais sobre as mulheres-mães não são apenas produtos das normas contemporâneas, mas também de narrativas transmitidas por meio das gerações. A influência intergeracional dessas narrativas, muitas vezes carregadas de sabedoria e valores tradicionais, exerce um impacto significativo na construção da identidade materna, moldando a maneira como as mães percebem e desempenham seus papéis. As histórias e conselhos dos mais velhos, que são vistos como detentores de sabedoria, não só informam as práticas cotidianas de cuidado e educação, mas também reforçam determinados padrões de comportamento e expectativas.

Esses padrões, por sua vez, podem tanto empoderar quanto limitar as mulheres, dependendo de como são interpretados e aplicados no contexto atual. Assim, tal compreensão nos instiga, na próxima seção, a discutir sobre o papel da mãe na sociedade. Analisaremos como a maternidade é percebida e vivida nos contextos educacionais, sociais e culturais, e investigaremos as influências dessas percepções na formação da identidade feminina e nas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional para as mulheres.

3 O PAPEL DA MÃE NA SOCIEDADE: CONCEITOS E CONTEXTOS

A figura materna desempenha um papel fundamental na sociedade, não apenas no âmbito familiar, mas também em diversos contextos educacionais e culturais. Na formação de professoras de Letras, busca-se compreender o papel da mãe, o qual pode oferecer insights valiosos sobre a influência da educação doméstica na formação da identidade e habilidades linguísticas dos/as alunos/as. No tópico a seguir serão explorados os principais conceitos e contextos do papel materno e sua relevância na formação de educadoras, com citações de autores renomados na área.

3.1 A PRIMEIRA EDUCAÇÃO: O PAPEL DA MÃE NO DESENVOLVIMENTO INICIAL DA CRIANÇA

A mãe é frequentemente vista como a primeira educadora de uma criança, sendo responsável por introduzir os primeiros conceitos de linguagem e comunicação. Como afirma Winnicott (1983, p. 41), "a mãe é o ambiente inicial do bebê, sua primeira fonte de proteção e de segurança." Esta perspectiva ressalta a importância do ambiente doméstico e das interações mãe-filho na formação inicial da linguagem e das habilidades comunicativas.

Para futuras professoras de Letras, a compreensão do papel da mãe na educação pode influenciar a abordagem pedagógica e a sensibilidade para com os/as alunos/as. Segundo Charlot (2000, p. 53), "a educação não se restringe à escola; ela começa na família e é nela que os valores e atitudes iniciais são moldados". Essa visão amplia a responsabilidade das educadoras em reconhecer e valorizar a diversidade de experiências educacionais que os alunos/as trazem de casa.

Ainda, teóricos como Bourdieu (1998, p. 62) discutem a transmissão cultural e habitus familiar como fundamentais na formação das capacidades e disposições dos indivíduos. Ele argumenta que "a família é a primeira instância de socialização, onde se formam as disposições duradouras que vão influenciar toda a trajetória do indivíduo."

Dessa forma, reconhecer o papel da mãe na sociedade e na educação é crucial para a formação de professoras de Letras. Esta compreensão não só enriquece a prática pedagógica, mas também promove um ambiente de aprendizado mais inclusivo e sensível às diferentes realidades dos/as alunos/as. A valorização da diversidade de experiências familiares contribui para uma educação mais justa e democrática.

Nesse sentido, partindo da perspectiva da valorização da diversidade de experiências familiares como uma forma indissolúvel no contexto educacional, é fundamental integrar essas variadas vivências ao currículo e às práticas pedagógicas. Esse reconhecimento das diferentes trajetórias de vida permite aos/às educadores/as criar um espaço de aprendizado no qual todos/as os/as alunos/as se sintam valorizados/as e compreendidos/as.

Assim como afirmam os teóricos mencionados no texto, a primeira educação, aquela que a mãe oferece ao/à filho/a antes mesmo do início da escolarização formal, desempenha um papel vital no desenvolvimento inicial da criança. No entanto, vale ressaltar que muitas vezes a identidade dessas mulheres é reduzida exclusivamente ao papel de mãe, o que é uma visão limitada e insuficiente.

A maternidade, embora significativa, é apenas uma das muitas qualidades da identidade feminina. Menda (2003) destaca que, apesar dos inúmeros desafios enfrentados ao longo da história, as mulheres sempre desempenharam papéis ativos em todos os pensamentos históricos. Contudo, essa participação frequentemente não foi valorizada devido à escassez de registros históricos produzidos pelas próprias mulheres.

Iaconelli (2020) salienta que a história tem sido predominantemente contada sob uma perspectiva masculina de gênero, centrada nas experiências e realizações dos homens. Embora existissem registros escritos sobre as mulheres, esses textos eram escassos e frequentemente ignorados pelos estudiosos até aproximadamente a década de sessenta, período em que o movimento feminista ganhou força em várias partes do mundo, promovendo a igualdade de gênero e questionando as estruturas patriarcais da sociedade.

Diante do exposto, faz-se necessário reconhecer a mulher que gesta, ampara, ama e acolhe, mas também aquela que se ressignifica e se apresenta na história como protagonista de suas próprias narrativas, tanto dentro quanto fora do contexto educacional. No tópico a seguir, discutiremos mais detalhadamente essa ressignificação e o papel variado da mulher na sociedade contemporânea.

3.2 ALÉM DO PAPEL MATERNO: SUPERANDO A VISÃO RESTRITA DA MATERNIDADE COMO ÚNICA IDENTIDADE DA MULHER

As mulheres são levadas a acreditar que seu valor e contribuição se restringem apenas ao cuidado, proteção, educação, orientação, modelagem de comportamento e gestão familiar. Isso resulta na marginalização de suas habilidades em outras áreas às quais, muitas vezes, são impedidas de acessar.

Diante disso, é por meio da história que se evidencia como a mulher é uma construção social. Franchetto *et al.* (1980) destacam que a plena realização das consequências dessa afirmação, embora ainda não alcançada completamente, implica não apenas reconhecer a possibilidade de transformação, mas também compreender que não há uma única essência de "mulher", mas sim diversas identidades e experiências femininas.

Badinter (1985, p.24) explica que "[...]a mãe é também uma mulher, isto é, um ser específico dotado de aspirações próprias que frequentemente nada têm a ver com as do esposo ou com os desejos do filho." Podemos entender que, além de seu papel materno, a mulher tem seus próprios desejos. Ela não se define apenas pelo que representa para seu cônjuge ou seus/as filhos/as. Isso desafia a visão tradicional de que a identidade de uma mãe deve estar completamente alinhada com as necessidades e expectativas da família.

Emidio e Hashimoto (2008) afirmam que, anteriormente, a concepção predominante limitava a mulher aos papéis de esposa e mãe, relegando seus interesses e desejos pessoais a um segundo plano. Com as mudanças sociais e culturais, no entanto, surge a necessidade crucial de reconhecer a mulher como um sujeito desejante, com necessidades e expectativas diversas que não se restringem apenas ao âmbito doméstico.

Sendo assim, à medida que essas mulheres desafiam essas estruturas opressivas e buscam ampliar suas perspectivas, a maternidade emerge como um símbolo de resistência e superação. Por isso, esta discussão sobre as funcionalidades das mulheres, sobretudo das mães, solicita não apenas um lugar, mas lugares outros e necessários que, essencialmente, as dissocie do simbólico papel determinado pela sociedade.

Assim, ao romper com os muros e as correntes que as prendem, rompem-se também com egos e preconceitos de seus opositores, em busca não do esquecimento e/ou apagamento como forma de anulação da memória imposta e “velada” historicamente, mas, sim, para que cada conquista se faça presente em espaços cada vez mais expressivos, pois o percurso das mulheres desde sempre exigiu escolhas, principalmente esforços em busca de autonomia e do rompimento da imagem idealizada e cristalizada em relação à maternidade, pois conforme salientam Borsa e Feil (2008, p. 4):

[...] a maternidade se configurou, ao longo da história, como a única função valorizada socialmente, desde os tempos remotos da humanidade e que se estendeu até meados do século XX, função esta que permitia à mulher ser reconhecida e valorizada. Assim, ser mãe seria pertencer a uma classe especial, ter uma posição de aparente prestígio dentro da sociedade.

Borsa e Feil (2008) apontam para uma construção histórica e social na qual as mulheres

eram limitadas e condicionadas a um papel específico, refletindo uma visão estreita e restritiva das capacidades e contribuições dessas mulheres. A ideia de que ser mãe conferia um status especial e prestigiado pode ser vista como uma forma de controle social, na medida em que mantinha as mulheres confinadas a um espaço doméstico e dependente, limitando sua participação em outras esferas da vida pública.

Atualmente, conforme apontam Fleck e Wagner (2003), é notável o aumento significativo de mulheres que participam ativamente do mercado de trabalho, contribuindo financeiramente para suas famílias. Além de assumirem o papel de mães, muitas delas também priorizam o desenvolvimento acadêmico e valorizam a construção de uma carreira profissional, enxergando essa trajetória como fundamental para o sucesso em suas vidas.

A evolução do papel das mulheres na sociedade contemporânea é um testemunho da sua resiliência e capacidade de adaptação, bem como da necessidade contínua de reformular políticas e atitudes sociais para apoiar a igualdade de gênero de maneira mais eficaz.

Nessa perspectiva, compreendemos que as mulheres têm interesses próprios, independente de seus papéis tradicionais, e que seu desenvolvimento pessoal e realização individual são tão importantes quanto suas responsabilidades familiares. Essa mudança de perspectiva é fundamental para promover uma sociedade mais igualitária e inclusiva, na qual as mulheres possam exercer plenamente sua autonomia e contribuir de maneira significativa em todos os aspectos da vida.

Portanto, compreender o papel da mãe na sociedade não requer apenas uma abordagem que reconheça e respeite sua diversidade, mas também um olhar atento às múltiplas experiências e realidades dessas mulheres, valorizando suas histórias individuais e coletivas. Com base nisso, a seguir, discutiremos as percepções e expectativas sociais em relação aos papéis de homens e mulheres na sociedade. Exploraremos como essas construções sociais influenciam as identidades de gênero, moldam comportamentos e conservam estereótipos. Esta análise permitirá uma reflexão sobre as dinâmicas de poder e as implicações dessas expectativas nas vidas dessas mulheres, contribuindo para uma visão mais crítica e informada sobre a questão de gênero na sociedade contemporânea.

4 CONSTRUÇÃO SOCIAL DE GÊNERO: AS PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS SOCIAIS EM RELAÇÃO AOS PAPÉIS DE HOMENS E MULHERES NA SOCIEDADE

Nesta seção, abordamos a construção social de gênero. O objetivo não é realizar um estudo antropológico abrangente, mas proporcionar uma compreensão inicial e contextualizada desse fenômeno. Para tanto, utilizamos conceitos e teorias fundamentais para elucidar como essas concepções são incorporadas no imaginário social.

Diante disso, cabe questionar: quais são os impactos dessa construção social nas expectativas em relação aos papéis de gênero? Como essas expectativas se manifestam em diferentes contextos sociais, como o ambiente acadêmico, o mercado de trabalho e a família? De que maneira essas construções sociais influenciam as oportunidades e desafios enfrentados por homens e mulheres em suas respectivas esferas de atuação? Quais são as consequências dessas expectativas para a dinâmica de poder e equidade dentro desses ambientes? Ao refletir sobre essas questões, buscamos uma compreensão mais profunda das formas como a construção social de gênero molda as experiências individuais e coletivas.

Para iniciar a discussão, é fundamental destacar o conceito de gênero, no qual se baseiam diversas interpretações sobre as identidades de homens e mulheres. Borges (2007, p. 598) argumenta que “gênero pode ser entendido como o processo pelo qual a sociedade classifica e atribui valores e normas, construindo assim as diferenças e hierarquias sexuais, delimitando o que seriam papéis masculinos e femininos.”

Scott (1995, p. 75), por sua vez, amplia essa visão ao afirmar que o conceito de “[...] “gênero” trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres.” Connell (1995) complementa essas ideias ao destacar que o gênero vai além das características biológicas e reprodutivas dos indivíduos. Ele enfatiza que o gênero também inclui a maneira como as sociedades interpretam e atribuem significado às diferenças sexuais, influenciando os comportamentos e papéis sociais atribuídos a homens e mulheres.

Pode-se inferir, com base nas afirmações dos autores, que gênero é uma construção social complexa, fundamental para entender as dinâmicas de poder, hierarquias e identidades dentro da sociedade. Isso denota que as identidades de gênero são construídas dentro de um contexto cultural específico, refletindo normas, expectativas e relações de poder que variam ao longo do tempo e entre diferentes sociedades.

Por exemplo, a ideia de que certas atividades são "naturais" para homens ou mulheres não vem apenas da biologia, mas de como a sociedade decide interpretar essas diferenças biológicas. Essas interpretações influenciam expectativas, oportunidades e limitações para pessoas de diferentes gêneros.

A construção social das diferenças de gênero é reforçada por várias instituições e práticas que mantêm e reproduzem essas distinções ao longo do tempo. Menda (2004, p. 16) salienta que “as diferenças entre os sexos têm sido percebidas através da história, não apenas como diferenças, mas, sobretudo, como sinais de superioridade do masculino sobre o feminino.” A autora destaca como, historicamente, a sociedade não apenas reconhece as diferenças de gênero, mas também as usa para justificar uma hierarquia de poder que privilegia o masculino.

Lima (2022, não paginado) complementa essa perspectiva ao observar que, “[...] em um passado não tão distante, as mulheres ainda precisam enfrentar batalhas, como a tripla jornada (trabalhar, cuidar da família e de si), lidar com os assédios, a desigualdade de cargos e salários e a garantia de seus direitos.” Esses obstáculos evidenciam como as estruturas sociais e econômicas mantêm a desigualdade de gênero, mantendo mulheres em posições de desvantagem e subordinação.

As percepções de Menda (2004) e Lima (2022) associam-se à reflexão de Bourdieu (2012), ao argumentar que a ordem social atua como uma "imensa máquina simbólica" que ratifica a dominação masculina. Ele descreve como essa dominação é reforçada pela divisão social do trabalho, que rigidamente atribui atividades específicas a cada sexo, determinando não apenas o que cada um faz, mas também onde e como essas atividades são realizadas.

A estrutura espacial, como exemplificado por Bourdieu, separa os espaços públicos dominados pelos homens (assembleias, mercados) dos espaços privados reservados às mulheres (casa), contribuindo para a manutenção das hierarquias de gênero e limitando as possibilidades de igualdade e autonomia feminina na sociedade.

É nessa perspectiva de divisão e /ou afastamento dos espaços que Chassot (2013, p. 23) aborda o impacto significativo que as responsabilidades de cuidado materno têm sobre as mulheres acadêmicas.

Não parece um despropósito afirmar-se que o fato de as mulheres serem as principais responsáveis por criar seus filhos as tirou/tira por muito tempo de suas pesquisas. A Ciência progride muito rapidamente e aquelas que se afastam por alguns anos para se dedicarem aos fazeres da maternidade gastam muitas vezes até o dobro do tempo para se reciclarem e se reatualizarem. Há áreas nas quais ficar fora da produção acadêmica por alguns meses pode ter consequências bastante críticas.

Diante dessa realidade, entende-se que as responsabilidades maternas não são apenas uma questão de equilibrar vida pessoal e profissional, mas também uma questão estrutural que desafia a igualdade de oportunidades e, conseqüentemente, invisibiliza e apaga as vozes femininas em espaços tão importantes, como a universidade.

Portanto, reconhecer a autonomia das mulheres na expressão de suas próprias experiências, trajetórias, contribuições acadêmicas e profissionais é crucial, como enfatizado por Rezzutti (2018) que rejeita a necessidade de um interlocutor masculino para representá-las. O autor ressalta a importância de valorizar as vozes femininas individuais. E, ao abordar a trajetória histórica das mulheres, seu objetivo é revelar como elas foram frequentemente excluídas na narrativa histórica tradicional.

Ele ressalta ainda a importância de um reconhecimento justo e equitativo das contribuições femininas ao longo do tempo, destacando a relevância de reexaminar a história sob uma perspectiva que inclua e respeite essas narrativas esquecidas ou minimizadas. Portanto, essas vozes cada vez mais precisam ser ouvidas e suas contribuições (re)conhecidas de forma mais ampla. E, à medida que cresce a conscientização sobre as disparidades de gênero e a necessidade de inclusão das mulheres em todos os espaços, essas narrativas evoluem e esses espaços se tornam menos fragmentados.

Para isso, é necessário conceder voz ao que foi silenciado e criar oportunidades ao que foi negado. Diante disso, é possível notar que a construção social de gênero exerce profundos impactos nas expectativas relacionadas aos papéis de homens e mulheres na sociedade. Essas expectativas são amplamente moldadas por normas, estereótipos e práticas culturais que perpetuam visões estereotipadas e hierárquicas dos gêneros. Os estereótipos de gênero são um resultado direto dessa construção social. De acordo com Saveri (2016, p. 575):

Os estereótipos de gênero são tipos de crenças, profundamente arraigados na sociedade que os cria e os reproduz, acerca de atributos ou características pessoais sobre o que homens e mulheres possuem ou que a sociedade espera que eles possuam: são características de personalidade ou físicas, comportamentos, papéis, ocupações e presunções sobre a orientação sexual. Com base em tais estereótipos, a sociedade cria hierarquias entre os gêneros que, historicamente, têm servido para fortalecer e legitimar a subordinação social das mulheres e o controle sobre seus corpos. A construção dos estereótipos de gênero é uma ação política dos corpos das mulheres.

Essa percepção demonstra a natureza profundamente enraizada dos estereótipos de gênero e como eles são sistematicamente reproduzidos pela sociedade. A prática social, por meio de normas, leis e costumes, dirige-se diretamente aos corpos, regulando e modelando

comportamentos e identidades de gênero. Para responder aos questionamentos levantados no início deste tópico, é fundamental analisar como as expectativas de gênero permeiam diversos aspectos da vida social e profissional a partir das pesquisas levantadas e discutidas ao longo do texto.

No contexto acadêmico, por exemplo, as expectativas de gênero podem influenciar a escolha de disciplinas e carreiras, com áreas tradicionalmente vistas como masculinas ou femininas sendo valorizadas de maneira diferente. No mercado de trabalho, as construções sociais de gênero podem se manifestar na segregação ocupacional, na desigualdade salarial e na limitação das oportunidades de promoção para as mulheres, refletindo a persistência de estruturas que privilegiam os homens.

Na esfera familiar, as expectativas de gênero impactam nas divisões de trabalho doméstico e nos papéis parentais atribuídos a cada sexo, influenciando dinâmicas de poder e equidade dentro do lar. Nesse viés, a seguir, passaremos a tecer considerações acerca das mães como principal cuidadora, além de conciliar trabalho remunerado e responsabilidades domésticas, enquanto os homens enfrentam expectativas distintas e, muitas vezes, menos sobrecarregadas.

4.1 ESTEREÓTIPO DA MÃE COMO PRINCIPAL CUIDADORA

Há uma expectativa cultural de que as mulheres são mais aptas para assumir tarefas de cuidado. Segundo Zanello (2016, p. 113-114) "o dispositivo materno diz respeito, assim, a um lugar de subjetivação no qual as mulheres são constituídas como cuidadoras "natas." Essa construção social não apenas espera que as mulheres assumam essas funções, mas também as posiciona subjetivamente nesse papel, como se fosse uma característica intrínseca e inevitável de seu gênero, reforçando a ideia de que "[...] a maternidade ainda permanece sendo vista como uma experiência de exclusividade na vida da mulher, esquecem-se, constantemente, de incluir os homens, nesse discurso idealizador" (Gomes, 2020, p.18).

No entanto, poucos já se perguntaram: por que acreditamos que certos comportamentos ou responsabilidades são inerentemente femininos ou masculinos? Por que a sociedade ainda insiste em associar a figura da mulher ao papel de principal cuidadora, enquanto desvaloriza ou desconsidera a capacidade dos homens de assumirem essa função de forma ativa e competente? Para dar base às indagações apresentadas, é necessário explicitar o que entendemos como "cuidadora", valendo-nos, também, da colaboração de pesquisadores como Zibetti e Pereira (2010, p. 270) que afirmam:

[...] a imagem da mulher como “cuidadora”, responsável pelo bem estar dos filhos e do marido em relação à limpeza e arrumação da casa, alimentação e saúde, permanece no imaginário de todos, inclusive das próprias mulheres. Assim elas se veem divididas entre as demandas dos afazeres domésticos, do cuidado e atenção para os filhos e as exigências do trabalho.

Esta visão, que pode ser rastreada até ideais patriarcais históricos, implica uma divisão de trabalho que é tanto desproporcional quanto limitante para as mulheres. Zanello (2016, p.114) complementa essa ideia ao afirmar:

[...]ainda que uma mulher não tenha seus próprios filhos, ela é vista como naturalmente cuidadora (capaz de “maternar”), podendo e devendo empregar esse “dom” no cuidado de outras pessoas: dos pais, irmãos, sobrinhos, doentes da família, etc. Além disso, esse “cuidado” se desdobra em uma naturalização dos cuidados domésticos, cabendo a elas, também, em grande parte, até hoje, os serviços de casa. Uma mulher que não priorize o cuidado com os outros (filhos, marido, família), geralmente é julgada como egoísta, fática e outros termos que, no uso, adquirem um caráter pejorativo.).

As análises de Zibetti e Pereira (2010) e Zanello (2016) nos ajudam a compreender que o fato de que essa imagem de cuidadora está internalizada até mesmo pelas próprias mulheres indica a profundidade da socialização de gênero. Desde a infância, meninas são educadas para assumir responsabilidades domésticas e de cuidado, enquanto meninos são incentivados a buscar independência e ambições profissionais.

Essa situação responde, em parte, à pergunta sobre por que acreditamos que certos comportamentos ou responsabilidades são inerentemente femininos ou masculinos. Mesmo que algumas mudanças estejam começando a aparecer, é um processo de socialização que imortaliza a divisão de gênero no trabalho e na família, dificultando a quebra desse ciclo. Nesse sentido, Urpia (2009, p. 21) observa que:

[...] a entrada das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho necessariamente não as tem desobrigado do cuidado da casa e dos filhos, pois que ainda se mantém entre os casais a tradicional divisão sexual do trabalho, embora sejam observadas algumas mudanças, especialmente, entre os mais jovens.

Podemos entender, a partir da perspectiva da autora, que além das atividades profissionais, essas mulheres são frequentemente encarregadas de uma carga adicional de trabalho não remunerado, baseada na tradição cultural e nas normas sociais que “valorizam” o papel feminino no contexto doméstico, sendo levadas a fazer escolhas difíceis. As mulheres

que escolhem seguir uma trajetória acadêmica e científica muitas vezes se veem obrigadas a reavaliar ou renunciar aos seus planos de casamento e maternidade (Urpia, 2009).

Essa decisão pode ser influenciada tanto pelas demandas intensas e inflexíveis do ambiente acadêmico, quanto pela ausência de redes de apoio adequadas, o que acaba por reforçar o estereótipo de que a estudante mãe deve se limitar ao papel tradicionalmente esperado dela (cuidado).

De acordo com o Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF), que apresentou os resultados da pesquisa "Desenvolvimento Infantil e Parentalidades no Distrito Federal" (2023), a grande maioria das crianças de zero a seis anos reside com a mãe (96,3%), enquanto 69,1% delas vivem com o pai, indicando uma presença materna significativamente maior nos lares. Além disso, a mãe é frequentemente identificada como a principal cuidadora em 71,6% dos lares, evidenciando o papel central das mulheres nas atividades de cuidado infantil.

A pesquisa também destaca que, em contraste, o pai é apontado como o principal provedor de renda em 41,5% dos casos, o que reflete uma divisão tradicional de papéis de gênero dentro das famílias. Esses dados revelam a persistência de normas culturais que associam a mulher ao cuidado doméstico e o homem à provisão financeira, oferecendo uma base empírica para discussões sobre as desigualdades de gênero na esfera doméstica e profissional.

Tais desigualdades são especialmente evidentes no contexto educacional, onde a mulher é percebida predominantemente como atuante, limitando seu reconhecimento em outras esferas de atuação profissional. Nesse sentido, a partir das reflexões sobre as funções idealizadas para a mulher, trataremos, no item a seguir, sobre a feminização do magistério.

4.2 ESTEREÓTIPO DO CUIDADO AFETIVO: A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO

É essencial que consideremos alguns aspectos importantes da docência por meio de uma lente histórica para compreender os processos de construção e discriminação que ainda influenciam a profissão hoje. Segundo Vianna (2022, p. 83) “[...] a docência feminina nasce no final do século XIX relacionada, especialmente, com a expansão do ensino público primário[...]. O Censo Demográfico de 1920 indicava que 72,5% do professorado do ensino público primário brasileiro compunha-se de mulheres [...].”

Pesquisas do Censo da Educação Superior Brasil (2019), conduzidas e divulgadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), revelam que as universidades

são majoritariamente frequentadas por mulheres nos cursos de licenciatura. As estatísticas mostram que 71,3% das matrículas nesses cursos são de mulheres, enquanto apenas 28,7% são de homens, portanto, essa persistência da feminização da docência ao longo de mais de um século pode ser analisada sob diversas perspectivas.

Em termos históricos, a entrada massiva de mulheres no magistério no final do século XIX e início do século XX estava relacionada com a expansão do ensino público primário e as necessidades emergentes de escolarização básica para uma população crescente. As mulheres eram vistas como naturalmente aptas para cuidar e educar crianças. Na contemporaneidade, os dados do Inep sugerem que essa tendência não só continua, mas é reforçada pelas estruturas educacionais e culturais que ainda promovem a docência como uma carreira mais acessível e adequada para mulheres.

A prevalência de mulheres nos cursos de licenciatura pode ser interpretada como um reflexo da persistente associação entre ensino e cuidado, uma herança dos papéis de gênero tradicionais que ainda moldam as escolhas profissionais. Além disso, a docência, historicamente vinculada a uma lógica de cuidado, foi frequentemente desvalorizada em termos de prestígio e remuneração. Nessa perspectiva, Tumolo e Fontana (2008, p. 161-162) enfatizam que:

[...] a entrada massiva da mulher no magistério provocou no imaginário social e na constituição profissional da categoria uma crescente desvalorização social e salarial. O vínculo entre a docência, as atividades domésticas e o aspecto vocacional atribuíram ao trabalho docente uma conotação servil e dócil, que o diferenciou das atividades exercidas por outras categorias de trabalhadores.

Vianna e Ridenti (1998, p. 103) destacam em seu artigo um depoimento que ilustra como "[...] um homem não poderia cuidar de crianças pequenas, pois amor e cuidado seriam atribuições adequadas às mulheres." Essa citação evidencia uma visão que pode ser interpretada como uma tentativa de legitimar o papel das mulheres no ensino, ao equiparar o cuidado materno com o cuidado pedagógico.

De acordo com Jaeger e Jaques (2017 p. 559) “[...]. Espera-se do homem que seja bravo, forte, disciplinador, enquanto que se acredita que a mulher tenha o coração “mole”, seja frágil e terna.” Conforme aponta Badinter (1985, p.19), "o amor materno foi por tanto tempo concebido em termos de instinto que acreditamos facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher, seja qual for o tempo ou o meio que a cercam.”

Essa concepção histórica do amor materno como um instinto inato serve para reforçar a ideia de que a mulher é naturalmente vocacionada para o cuidado, tanto no âmbito doméstico quanto no pedagógico, perpetuando a associação entre a maternidade e a docência. Assim,

[...] ser professora representava um prolongamento das funções domésticas e instruir e educar crianças, sob o mascaramento da missão e da vocação inerentes às mulheres, significava uma maneira aceitável de sobrevivência, na qual a conotação negativa com o trabalho remunerado feminino esvaía-se perante a nobreza do magistério (Almeida, 1996, p.74).

Essa perspectiva revela como a profissão docente tem sido historicamente moldada pelas expectativas de gênero, onde as habilidades pedagógicas das mulheres são vistas como uma extensão natural de suas supostas inclinações maternas. Essas construções sociais reforçam a ideia de que a mulher deve seguir seu "dom" ou "vocação" para a docência, o que impacta negativamente no reconhecimento e na remuneração dessa profissão.

Pois, ao serem integradas ao magistério sob a justificativa de uma vocação natural, as mulheres tiveram suas possibilidades de atuação profissional significativamente restritas “[...] a profissão de professora [...] a única em que as mulheres puderam exercer em um trabalho fora do espaço privado do lar e sua inserção no espaço público, pois os demais campos de trabalho lhes foram vedados” (Da Silva *et al.*, 2022, p. 205).

A exclusão das mulheres de outros campos de trabalho não só limitava suas possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional, mas também as deixava dependentes economicamente em relação aos homens, ligando-as à docência como um "dom" feminino.

A associação da atividade de magistério a um “dom” ou a uma “vocação” feminina baseia-se em explicações que relacionam o fato de a mulher gerar em seu ventre um bebê com a “conseqüente função materna” de cuidar de crianças; função esta que seria ligada à feminilidade, à tarefa de educar e socializar os indivíduos durante a infância. Dessa forma, a mulher deveria seguir seu “dom” ou “vocação” para a docência (Rabelo; Martins, 2006, p. 6168).

Ao sugerir que as habilidades pedagógicas das mulheres derivam de uma predisposição biológica e emocional para cuidar, a sociedade justifica a concentração das mulheres na docência, muitas vezes em detrimento de seu acesso a outras profissões e oportunidades de carreira. Essa visão não só limita a autonomia das mulheres, mas também desvaloriza a profissão docente ao tratá-la como uma função inerente ao gênero feminino, em vez de uma escolha profissional baseada em competência e interesse.

Além disso, a ideia de que a docência é um "dom" feminino invisibiliza as habilidades adquiridas e o esforço profissional envolvido no magistério, subestimando a formação, a dedicação e o desenvolvimento contínuo necessários para o exercício da profissão. Esse

enquadramento pode levar à menor remuneração do trabalho docente, conservando desigualdades salariais e de status entre homens e mulheres no mercado de trabalho.

Jaeger e Jaques (2017, p. 552) apontam que “[...] para ser professor/a de Educação Infantil, são necessárias competências e habilidades que só serão alcançadas no decorrer do processo formativo e do exercício da docência, portanto, não são inatas às mulheres ou, mesmo, aos homens”. Dessa forma, a formação faz-se necessária para o desenvolvimento de habilidades específicas e para a aquisição de conhecimentos pedagógicos essenciais ao exercício profissional.

Nesse sentido, essa visão desafia a noção de que as mulheres possuem uma predisposição natural para o cuidado e à docência, enfatizando a importância de uma formação rigorosa e contínua para todos os/as educadores/as, independentemente de seu gênero. A profissionalização do magistério, portanto, deve ser vista como um processo que exige dedicação, estudo e prática, desmistificando a ideia de que o sucesso na educação deriva exclusivamente de qualidades intrínsecas ou "vocacionais", ligadas exclusivamente ao cuidado afetivo no qual, na maioria das vezes, a professora toma o lugar de “tia”.

Freire (1997), em seu livro *“Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar”*, ao abordar a distinção entre ser professora e ser tia, argumenta contra qualquer reducionismo ou identificação simplista entre esses papéis. Ele reconhece que uma professora pode ser tia de seus alunos por laços familiares, mas isso não significa que seu papel profissional se confunda com o papel de tia. Da mesma forma, uma tia não se torna professora apenas por ter sobrinhos.

Freire defende ainda que ser professora é uma profissão que demanda compromisso, militância e uma abordagem específica no cumprimento de suas responsabilidades educativas. O termo "tia" é frequentemente associado a uma figura carinhosa, afetuosa e maternal, que coloca o bem-estar emocional dos/as alunos/as em primeiro lugar.

Embora o cuidado afetivo seja uma parte importante da educação, ser vista predominantemente como "tia" pode minimizar ou até mesmo ofuscar o papel da professora como educadora profissional. Isso pode levar a uma subestimação das competências pedagógicas e do conhecimento especializado das professoras, reduzindo seu reconhecimento como profissionais capacitadas no âmbito educacional.

Sendo assim, diante das reflexões apresentadas nesta seção, reconheço, com base em minhas experiências pessoais, os desafios enfrentados ao equilibrar a maternidade e a docência, enquanto se atende às expectativas sociais. Portanto, o próximo capítulo abordará a complexidade da conciliação dos papéis de mãe e estudante, explorando as dificuldades e

estratégias enfrentadas por mulheres que, como eu, buscam harmonizar esses aspectos fundamentais de suas vidas.

5 ENTRE A CANETA E O BERÇO: EQUILIBRANDO OS PAPÉIS

Para dar continuidade ao tema abordado, esta seção explora a dualidade enfrentada pelas mães estudantes, ao equilibrar suas responsabilidades acadêmicas com os desafios da maternidade. Assim, no tópico a seguir, serão apresentados conceitos e narrativas pessoais de mães estudantes, extraídas de pesquisas realizadas por diversos/as estudiosos/as sobre o tema, para ilustrar como essa experiência influencia não apenas suas vidas pessoais, mas também seu desenvolvimento acadêmico.

5.1 MÃE E ESTUDANTE: UMA EXPERIÊNCIA DE CONVERGÊNCIA ENTRE PAPÉIS SOCIAIS OU UM EMBATE ENTRE EXPECTATIVAS E REALIDADES?

Para muitas mães, a educação além de ser uma busca por conhecimento é vista como uma maneira de melhorar a vida de seus filhos e proporcionar um exemplo de perseverança e determinação. Este aspecto pode gerar uma convergência entre os papéis sociais de mãe e estudante, onde o sucesso acadêmico é diretamente ligado ao bem-estar e futuro da família. Sousa (2022, p. 23) destaca esse vínculo ao relatar a experiência de uma mãe estudante que expressa:

O que me motiva e sempre está me motivando a continuar no curso são meus filhos, pois eu quero dar um futuro melhor para eles, um futuro que eu não tive na minha infância. A gente vê na universidade a porta de entrada para ter um futuro melhor, para conseguir crescer profissionalmente (Orquídea).

Esta declaração demonstra como a busca por um “futuro melhor” para os filhos serve como um poderoso incentivo para essa mãe, a qual evidencia a universidade como um meio crucial para alcançar esse objetivo. No entanto, a realidade de ser mãe e estudante muitas vezes revela um embate contínuo entre as expectativas e as duras realidades.

De acordo com Aguiar, Paes e Reis (2019), a presença e atuação dessas mulheres na universidade demandam uma análise aprofundada das barreiras que elas enfrentam. Barcelos (2023, p. 27) ilustra bem essa situação ao demonstrar a experiência de uma mãe, na qual ela evidencia uma das diversas barreiras enfrentadas ao tentar equilibrar suas responsabilidades acadêmicas e familiares: “[...] em casa eu não sou estudante, eu sou esposa e mãe, essa é a minha realidade, caso precise de estudar tenho que ir para outro local, em casa impossível, zero concentração” (Entrevistada 4).

Sousa (2022, p. 20) complementa essa visão ao demonstrar por meio do relato de "Rosa", uma mãe estudante, que enfrentou a dualidade entre o mundo acadêmico e a maternidade, mas conseguiu superar seus medos e prosseguir com seus estudos sem comprometer seu papel de mãe: "muitas vezes me senti fraca, com medo de falhar, devido às circunstâncias que não eram favoráveis para mim. Porém, a universidade me ajudou a amadurecer em todos os aspectos."

Esses relatos oferecem uma visão íntima das experiências diárias, nas quais, por meio de determinação e apoio, algumas mães conseguem não apenas alcançar seus objetivos acadêmicos, mas também prosperar, desenvolvendo resiliência e força que inspiram suas famílias e comunidades. Como mãe, estudante e mulher, minha experiência desafia diariamente as expectativas impostas pela sociedade, assim como as mulheres entrevistadas.

Entendo, porém, que nem sempre é possível escapar dessas normas e convenções estabelecidas que muitas vezes nos mantêm presas em um casulo do qual não conseguimos nos libertar. Contudo, mais do que nunca, precisamos ressignificar essas limitações, quebrar essa capa 'protetora', transformá-la em sonhos e alimentá-los diariamente.

Meus sonhos não eram alimentados só por mim, meu marido sempre esteve comigo, me dando suporte, sendo a minha rede de apoio, apesar das dificuldades em relação aos cuidados com os filhos e na organização da casa, pois "os suportes e a rede de apoio são extremamente necessários para a permanência de discentes mães, principalmente para as que se tornam no decorrer do curso" (De Freitas; Iriart, 2023, não paginado).

Ao destacar meu marido como um exemplo de que homens podem e devem desempenhar um papel crucial no suporte às responsabilidades familiares e domésticas, questiono a lógica por trás das normas sociais que limitam as possibilidades de homens e mulheres baseadas em estereótipos de gênero antiquados. É esse tipo de suporte, além de políticas que reconheçam e acomodem as necessidades únicas das mães estudantes, que minimizam a sensação de abandono em relação à/s "cria/s", além do desespero e exaustão, quando as pressões se tornam quase insuportáveis.

Pereira e Abrão (2019) argumentam que as políticas de apoio à maternidade devem ser integradas às políticas de igualdade de gênero nas universidades. Isso inclui a promoção de ambientes livres de discriminação e a conscientização sobre os desafios que as mulheres enfrentam. Feitoza (2021) ressalta a importância da licença maternidade como um direito fundamental, mas observa que as políticas de proteção social nem sempre são suficientes para atender às necessidades das mães que desejam continuar seus estudos.

Durante uma pesquisa conduzida por Sousa e Leonardeli (2024, p. 7), foi destacado que a falta de creches e estruturas de apoio nas universidades representa um obstáculo significativo. Uma das mães entrevistadas destacou essa dificuldade ao afirmar: “[...] tive que largar a faculdade porque não tinha com quem deixar minha filha e a faculdade não aceita bebês e crianças”.

Nesse viés, essas percepções demonstram a necessidade de diferentes abordagens para apoiar as mães estudantes nas universidades. Isso inclui não apenas a integração de políticas de igualdade de gênero e licença à maternidade, mas também a implementação de infraestruturas de apoio, como creches para atender às necessidades cotidianas dessas mulheres.

De acordo com Mata (2022) as escolhas das estudantes mães são influenciadas por diversos fatores, e as instituições de ensino podem desempenhar um papel importante ao oferecer opções flexíveis de ensino, como aulas online e horários alternativos. Oliveira e Marques (2020) sugerem a desconstrução dos estereótipos da maternidade como uma estratégia de apoio. Isso implica em desafiar as expectativas sociais e criar um ambiente mais inclusivo para as mulheres-mães na academia.

Sampaio (2014) discute a diversidade e diferenciação no ensino superior no Brasil e como isso afeta as mulheres-mães. É fundamental que as políticas educacionais levem em consideração a diversidade de perfis das estudantes, garantindo que tenham acesso igualitário. De forma complementar, Zago, Pereira e Paixão (2015) defendem que a expansão do ensino superior deve ser acompanhada de políticas de apoio à permanência, como a oferta de bolsas e programas de assistência estudantil, que beneficiam especialmente as mulheres-mães.

Pode-se entender com base no que os autores afirmam sobre o assunto, que eles vão ao encontro de que há necessidade de políticas inclusivas, mas com diferentes ênfases. Sampaio foca na diversidade de perfis, ao destacar a importância de adaptar as políticas educacionais para atender às variadas necessidades das estudantes. Por outro lado, Zago, Pereira e Paixão enfatizam a importância do apoio financeiro e assistencial, principalmente para as mulheres-mães, pois assim essas estudantes podem ter melhores condições para enfrentar os desafios diários.

De acordo com Silva (2020), a pressão constante de equilibrar as demandas acadêmicas e as responsabilidades maternas pode ter sérias repercussões na saúde mental das mães estudantes. Essa sobrecarga pode levar ao aumento do estresse, da ansiedade e até mesmo da depressão. A multiplicidade de responsabilidades, como a necessidade de cumprir prazos acadêmicos rigorosos enquanto se cuida das necessidades diárias dos filhos, além do trabalho doméstico cria um ambiente de constante tensão.

O trabalho doméstico, além de repetitivo e estender a jornada de trabalho, apresenta duas características que contribuem para levar muitas mulheres à fadiga crônica e à exaustão física e mental: não tem descanso semanal e nem férias remuneradas. Soma-se a isso o fato de ser uma atividade desvalorizada socialmente, não ajudando, portanto, a elevar a auto-estima da trabalhadora (Menda, 2004, p. 91).

Dessa forma, a falta de tempo para o autocuidado e o descanso adequado exacerba a situação, levando essas mulheres a um estado de esgotamento físico e emocional. Além disso, a sensação de culpa por não conseguir atender plenamente a todas as expectativas, tanto acadêmicas quanto maternas, contribui para o declínio da saúde mental.

Bitencourt (2019) destaca que as mulheres-mães frequentemente enfrentam o estigma e o preconceito, o que pode agravar ainda mais sua saúde mental. O julgamento social e as expectativas não realistas podem resultar em sentimentos de inadequação e isolamento, contribuindo para esse problema. Nesse contexto, o apoio familiar é um componente essencial no equilíbrio entre as responsabilidades acadêmicas e as demandas da maternidade, visto que ele fornece a base emocional e prática necessária para que as mães estudantes possam enfrentar os desafios diários sem se sentirem sobrecarregadas e, conseqüentemente, se dedicarem plenamente aos seus estudos acadêmicos. De acordo com Da Silva *et al* (2020, p. 42544):

Para que as mães possam estar presentes na educação superior, é preciso que se tenha apoio de outras políticas de incentivo, formando um conjunto de ações integrado para uma coparticipação de outros núcleos da sociedade juntando esforços e contribuindo para o avanço dos estudos das mães estudantes.

Diante dessa concepção, entendemos que esse apoio, nas suas diversas formas – emocional, prático e financeiro – pode influenciar significativamente o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional das mães-estudantes. No entanto, sabe-se que a obtenção de suporte familiar adequado pode ser desafiadora, dependendo das dinâmicas familiares e das circunstâncias individuais. Dessa forma, reconhecer e promover o papel crucial da família no suporte às mães estudantes é fundamental para criar um ambiente educacional mais inclusivo e compreensivo, que permita a essas mulheres alcançar seus objetivos acadêmicos e profissionais com sucesso.

A ajuda emocional oferece a motivação e a segurança necessárias para enfrentar os desafios do dia a dia, enquanto o apoio prático, como auxílio nos cuidados com os filhos e nas tarefas domésticas, alivia a carga física e mental. Além disso, o suporte financeiro pode garantir que essas mães tenham acesso a recursos e oportunidades educacionais, permitindo que se dediquem aos estudos sem a constante preocupação com a estabilidade econômica.

Assim, a combinação de apoio institucional e familiar torna-se vital para o bem-estar das mulheres que enfrentam desafios significativos, como a pressão para cumprir os múltiplos papéis e a exaustão física e emocional. A expectativa de ser uma "supermulher" que pode equilibrar perfeitamente todas as responsabilidades pode levar a sentimento de culpa e frustração quando as inevitáveis falhas e contratemplos ocorrem.

Portanto, quando os suportes são efetivos, as mulheres podem gerenciar melhor suas responsabilidades, reduzir o estresse e a ansiedade e alcançar um equilíbrio saudável entre suas vidas acadêmicas e pessoais. Promover essa rede de suporte integrada é, portanto, um passo essencial para a construção de uma educação superior mais equitativa e acessível.

Diante de toda discussão apresentada, torna-se evidente que a jornada das mães estudantes no ensino superior é permeada por desafios significativos, mas também por oportunidades de crescimento e realização pessoal e acadêmica. A convergência entre os papéis de mãe e estudante revela-se tanto uma fonte de força quanto de tensão, exigindo um equilíbrio delicado entre as responsabilidades familiares e as demandas acadêmicas.

Embora esta discussão tenha fornecido uma visão ampla das dificuldades e possibilidades enfrentadas pelas mães estudantes, a temática carece de uma exploração contínua e detalhada. Sendo assim, as considerações finais, além de revisitar os principais pontos abordados, trará também análises críticas sobre o assunto, incluindo sugestões para futuras pesquisas e ações concretas que possam contribuir para a construção de uma educação superior mais equitativa e acessível para todas as mulheres que pretendem conciliar os estudos e a maternidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever um relato de experiência envolve compartilhar de forma reflexiva e detalhada as vivências em um contexto específico. Nessa narrativa, as experiências se tornam memórias, transformando-se em histórias pessoais. (Re)Visitar e analisar essas memórias permite direcionar o olhar para novos saberes e compreensões. Com este trabalho, esperamos ser voz ativa, na expectativa de romper com o apagamento e o silenciamento impostos às mulheres ao longo da história, para que assim, nossas histórias sejam ouvidas e reconhecidas.

Conforme evidenciado ao longo desta pesquisa, é inegável a relevância das mulheres que são mães na formação docente, uma vez que esse grupo de estudantes exerce um impacto profundamente positivo na educação. Os dados e informações apresentados contribuem de maneira significativa para o campo dos estudos sobre gênero e educação, principalmente na desconstrução de estereótipos de gênero. Ao destacar os desafios enfrentados por mães estudantes, e apresentar as estratégias eficazes para apoiá-las, esta pesquisa abre novas possibilidades para políticas educacionais mais inclusivas e sensíveis às necessidades familiares.

As investigações revelaram como a identidade das mães é moldada por expectativas sociais e culturais, estereótipos de gênero e demandas familiares, que exercem uma influência profunda na jornada das mães estudantes. Ao refletir sobre a importância dessas experiências e expectativas na superação dos desafios enfrentados por essas mães, percebemos como essas vivências impactam suas capacidades de superar obstáculos.

Em relação à minha trajetória, embora meus filhos fossem crianças pequenas e não bebês, no então momento, diferentemente de tantas mães que necessitam de creches, enfrentei uma série de dificuldades devido à falta de apoios institucionais, como horários de aulas mais flexíveis, acesso a serviços de aconselhamento e suporte psicológico, além de facilidades como espaços de estudo adequados para mães e filhos, e políticas outras que reconhecessem e atendessem às necessidades específicas no contexto vivenciado.

A ausência de tais suportes, muitas vezes, tornou a conciliação entre minhas responsabilidades acadêmicas e familiares extremamente desafiadora. A minha experiência reforça a necessidade de políticas mais inclusivas e abrangentes nas instituições de ensino para apoiar mães estudantes. É crucial que as universidades e instituições de ensino ofereçam não apenas suporte financeiro, mas também estruturas que permitam às mães prosseguir suas jornadas acadêmicas com menos barreiras.

Acreditamos firmemente que investir em políticas e práticas que apoiem essas mulheres não apenas promove justiça social, mas também fortalece de maneira estratégica o corpo docente e enriquece a experiência educacional como um todo. Portanto, concluímos este trabalho com a esperança de que ele inspire ações concretas por parte das instituições educacionais e da sociedade em geral, reconhecendo e valorizando plenamente as contribuições únicas das mães na formação docente.

Os conteúdos apresentados evidenciam que há um vasto campo para futuras pesquisas sobre a interseção entre maternidade e formação docente, dada a importância do tema e suas numerosas contribuições para o meio acadêmico. Este caminho visa aprofundar nossa compreensão sobre os impactos das políticas institucionais na experiência das mães estudantes, explorar variados contextos culturais e socioeconômicos, e desenvolver estratégias mais eficazes para apoiar a diversidade de papéis desempenhados pelas mulheres na academia.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Samara Gomes; PAES, Valquiria Normanha; DE OLIVEIRA Reis, Sônia Maria Alves. Presença e atuação de mulheres mães na universidade: dialogando com professores/as e alunas. **Cenas Educacionais**, v. 2, n. 2, p. 150-174, 2019.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino. **Cadernos de Pesquisa**, n. 96, p. 71-78, 1996.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BARCELOS, Elaine Moreira de Souza. **Permanência e êxito das estudantes-mães no ensino superior**. 2023.

BITENCOURT, Silvana Maria. A maternidade para um cuidado de si: desafios para a construção da equidade de gênero. **Estudos de Sociologia**, v. 24, n. 47, 2019.

BORGES, Ana Luiza Vilela. Relações de gênero e iniciação sexual de mulheres adolescentes. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 41, p. 597-604, 2007.

BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. **O portal dos Psicólogos**, v. 185, p. 1-12, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2018: notas estatísticas. Brasília, 2019. Disponível em : https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber: Elementos para uma Teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHASSOT, Attico Inácio. **A ciência é masculina?: é sim, senhora!**. Editora Unisinos, 2004.

CONNEL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

DA MATA, Gisele Camilo *et al.* **Quem pode ser mãe: maternidade, produção do conhecimento, escolhas (im) possíveis e vivências de estudantes na UFMG**. 2022

DA SILVA Santos, Simeire; DE LANA Costa, Luciana Raimunda; CUSTÓDIO, Regiane Cristina. As mulheres como educadoras: a feminização no magistério. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 8, n. 25, 2022.

DA SILVA, Jeane Santana *et al.* A maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos pelas discentes da Universidade Federal do Maranhão-UFMA campus VII Codó. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 42538-42550, 2020.

DE FREITAS, Juliana Souza; IRIART, Mirela Figueiredo Santos. Permanência de mães estudantes do curso de pedagogia da uefs. **Anais dos Seminários de Iniciação Científica**, n. 27, 2023.

DE SOUSA, Daniel Rafael; LEONARDELI, Poliana Bernabé. A experiência de mães estudantes do curso de pedagogia: um estudo acerca dos desafios enfrentados pela mulher no espaço educacional. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 5, p. e3901-e3901, 2024.

DUBAR, Claude. **A socialização construção das identidades sociais e profissionais**. 1ª ed. São Paulo: Martins e Fontes, 2005.

EMIDIO, Thassia Souza; HASHIMOTO, Francisco. Poder feminino e poder materno: reflexões sobre a construção da identidade feminina e da maternidade. *In: Colloquium Humanarum*. ISSN: 1809-8207. 2008. p. 27-36.

FEITOZA, Fernanda Bezerra Martins. **Mães, trabalho e proteção social**: uma análise sobre a licença maternidade no contexto dos direitos fundamentais. 2021.

FERREIRA, Barbara Gislayne Rodrigues Da Silva *et al.* **Desafios da maternidade no âmbito acadêmico, Paraíba, Brasil**. Anais III CONBRACIS... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/Artigo_Francine_Savi_Mondo_%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/Artigo_Francine_Savi_Mondo_%20(2).pdf). Acesso em: 08 jul. 2024.

FLECK, Ana Cláudia; WAGNER, Adriana. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em estudo**, v. 8, p. 31-38, 2003.

FRANCHETTO *et al.* **Perspectivas Antropológicas da Mulher** (Vol. 1, pp. 07-47). Rio de Janeiro: Zahar Editores. Dezembro, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GENTIL, Heloisa Salles. **Identidades de professores e rede de significações: configurações que constituem o " nós, professores"**. 2005. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GOMES, Lídia Laís Balbino. **Mulher, mãe e universitária**: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica. 2020.

IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade**: do infanticídio à função materna. São Paulo, 2012.

IPEDF - Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal. **Mães são as principais cuidadoras de crianças no Distrito Federal**. 2023. Disponível em: <https://www.ipe.df.gov.br/maes-sao-as-principais-cuidadoras-de-criancas-no-distrito-federal/#:~:text=A%20figura%20materna%20foi%20apontada,das%20resid%C3%Aancias%20no%20grupo%20analisado>. Acesso em: 06 Jul 2024.

JAEGER, Angelita Alice; JACQUES, Karine. Masculinidades e docência na educação infantil. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 2, p. 545-570, 2017.

LIMA, Everton. Mulheres no mercado de trabalho: avanços e desafios. Portal Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/mulheres-no-mercado-de-trabalho-avancos-edesafios>. Acesso em: 03 jul 2024.

LOPES, Amélia. **Libertar o desejo, resgatar a inovação**: a construção de identidades profissionais docentes. Lisboa: Instituto de inovação educacional, 2001.

MENDA, Patrícia Buksztejn. **Análise da dicotomia sofrimento e prazer na função gerencial feminina**. 2004.

MONDO, Francini Savi, DE SOUZA, Rosa Cristina Ferreira. **Ser mãe**: as expectativas para o exercício da maternidade. 2020.

OLIVEIRA, Marcelo Andrade Cattoni de; MARQUES, Stanley Souza. Contribuições para uma reconstrução crítica da gramática moderna da maternidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 1, p. e 68037, 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, v. 34, n. 02, p.147-156, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>. Acesso em: 20 maio. 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docentes. Natal: EDUFRN, p. 43-58, 2008.

PEREIRA, Keyla Lima; ABRAO, Kelber Ruhena. A mulher na família e na universidade e as transformações sociais. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 17, p. 286-301, 2019.

PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. *In*: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Graf, 2005. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. *In*: VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. Minas Gerais. **Anais do evento**, 2006. p. 6167-6176.

REZZUTTI, Paulo. **Mulheres no Brasil**: a história não contada. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

SAMPAIO, Helena. Diversidade e diferenciação no ensino superior no Brasil: conceitos para discussão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, p. 43-55, 2014.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.

SEVERI, Fabiana Cristina. **Justiça em uma perspectiva de gênero**: elementos teóricos, normativos e metodológicos. *Revista Digital de Direito Administrativo*, v.3, no 3, p. 574-601, 2016. São Paulo, 2016.

SILVA, Jeane Santana da. **A maternidade na trajetória universitária**: desafios percorridos pelas discentes de pedagogia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA Campus VII Codó. 2020.

SOUSA, Taiane Cristine Meireles. **Mães universitárias**: experiências e desafios da maternidade e da vida acadêmica em São Bernardo do Maranhão, 2022.

TUMOLO, Paulo Sergio; FONTANA, Klalter Bez. Trabalho docente e capitalismo: um estudo crítico da produção acadêmica da década de 1990. **Educação & Sociedade**, v. 29, p. 159-180, 2008.

URPIA, Ana Maria de Oliveira. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico**: narrativas de um self participante. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2009.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos pagu**, p. 81-103, 2002.

VIANNA, Claudia; RIDENTI, Sandra. Relações de Gênero e Escola: das diferenças ao preconceito. *In*: AQUINO, Groppa Julio. (org.). **Diferenças e Preconceito na Escola**: alternativas teóricas e práticas. 8. ed. São Paulo: Summus, 1998.

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo Começa em Casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ZAGO, Nadir; PEREIRA, Thiago Ingrassia; PAIXÃO, Lea Pinheiro. Expansão do ensino superior: problematizando o acesso e a permanência de estudantes em uma nova universidade federal. **37ª Reunião Nacional da ANPEd, UFSC–Florianópolis**, v. 4, 2015.

ZANELLO, Valeska. **Dispositivo materno e processos de subjetivação**: desafios para a Psicologia. 2016.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto; PEREIRA, Sidnéia Ribeiro. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educar em Revista**, n. especial 02, p. 259-276, 2010.